

O SUJEITO NA LINGUAGEM: ASPECTOS TEXTUAIS-DISCURSIVOS NA CONSTITUIÇÃO E LEITURA DO GÊNERO DO DISCURSO RECEITA MÉDICA¹

*Francisco Renato Lima**

*Maria Angélica Freire de Carvalho***

RESUMO

Neste estudo, parte-se de uma concepção de linguagem como forma de interação, em que o sujeito constrói-se na e pelas práticas e ações sociais com a linguagem, assumindo papéis de negociação de sentidos nos diálogos com seus interlocutores. Para perceber esse fenômeno, objetiva-se analisar o gênero do discurso receita médica, um elo que reitera a comunicação entre médico e pacientes, buscando perceber aspectos textuais-discursivos, a partir da forma como os pacientes leem esse gênero ao saírem da consulta médica. Do ponto de vista metodológico, constitui-se de um estudo de abordagem qualitativa e dialógica, realizado por meio de pesquisa bibliográfica, com base nas leituras de Bakhtin (2009 [1929] / 2011 [1979]), Bronckart (2008/2012), Guimarães (2010), Koch (2012), Marcuschi (2006/2010), entre outros; e pesquisa de campo, visto que se utiliza, como corpus para análise, uma entrevista com um paciente, coletada em uma Unidade Básica de Saúde, na cidade de Nazária (PI), localizada a 26 km da capital, Teresina (PI). Na leitura que o paciente em análise faz da receita, percebe-se a identificação de aspectos textuais-discursivos e a realização de inferências. Ele indica o tamanho, a legibilidade e a localização da letra no espaço da receita, bem como estabelece analogias, associações e aproximações entre as informações escritas na receita e seus conhecimentos de mundo e contextos de vida e que o ajudam na compreensão, possibilitando, desse modo, que ele construa significação sobre o mundo com e através da linguagem, em consciência de si e do outro, discursivamente.

Palavras-chave: Semiótica. Identidade. Diferença. Sentido. Preconceito.

ABSTRACT

This study, part is a conception of language as a means of interaction in which the subject is built in and the practical and social actions with language, assuming senses trading roles in dialogues with its partners. To understand this phenomenon, the objective is to analyze the gender prescription speech, a link that reiterates the communication between doctor and patient, seeking to realize textual-discursive aspects from the way the patients read this genre to leave the medical consultation. From a methodological point of view, consists of a study of qualitative and dialogical approach, carried out by means of literature, based on readings of Bakhtin (2009 [1929] / 2011 [1979]), Bronckart (2008/2012), Guimarães (2010), Koch (2012), Marcuschi (2006/2010), among others; and field research, as it is used as a corpus for analysis, an interview with a patient, collected in a Basic Health Unit in the city of Nazária (PI), located 26 km from the capital, Teresina (PI). In reading the patient in question is the recipe, realize the identification of textual-discursive aspects and making inferences. It indicates the size, legibility and location of the letter in the space of revenue and establishes analogies, associations and similarities between the information written in the recipe and their world knowledge and life contexts and to help in understanding, enabling, this so, it builds meaning on the world with and through language, in awareness of self and other, discursively.

Keywords: Semiotic. Identity. Difference. Meaning. Preconception.

¹ Este texto é parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI), na qual se objetivou observar as representações dos médicos e dos pacientes sobre os modos de compreensão do evento de letramento consulta médica.

* Graduado em Pedagogia (FSA) e em Letras – Português (INET). Mestre em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI). Email: fcorenatolima@hotmail.com

** Professora Adjunta do Departamento de Letras e do Mestrado em Letras - Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutora em Linguística (UNICAMP). Email: angelifreire@oi.com.br

INTRODUÇÃO

Quer seja pelo estudo da forma arquitetônica, como pretendeu, durante muito tempo, os estudos da linguística estrutural; quer seja pelo estudo da função e dos propósitos de interação, como pretende Bakhtin (2011 [1979]), os gêneros discursivos ocupam lugar de destaque nos estudos da linguagem. Essa concepção bakhtiniana funda o princípio da dialogicidade, da qual se depreende que a construção do sujeito acontece na e pela interação discursiva com os pares da enunciação. A realização dos atos de linguagem se dá pela prática e flutuação dos gêneros na esfera cotidiana, de modo que nas situações de uso da língua, as escolhas do gênero são determinadas “pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetivas (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc.” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 282). Esse processo acontece por meio do envolvimento dos sujeitos em atividades de linguagem, nas quais os gêneros discursivos desempenham papel fundamental e, por vezes, determinantes, posto que auxiliam a criar e manter uma interação dialógica no contínuum das ações cotidianas e sobretudo, na construção de sentidos sobre o mundo.

A discussão que se propõe neste estudo parte da análise do gênero receita médica, considerando-a como um elo e ainda um recurso possibilitador da continuidade na comunicação entre médico e pacientes. A partir disso, objetiva-se apontar mecanismos textuais-discursivos em sua constituição e leitura, por meio do modo como os pacientes leem e consideram esse gênero, tanto ao saírem da consulta médica, como ao utilizá-lo como referência, para representar tanto o médico, como a consulta e o tratamento de saúde.

Ao focalizar os aspectos de textualidade e discursividade, consideram-se as amarras que aproximam esses dois processos¹, no plano teórico e aplicado de estudo dos gêneros, que são formados, segundo Adam (2002), por “sequências textuais”, as quais exercem papel de organização cognitiva e funcional desses gêneros em seus domínios discursivos. Ao operar com a noção bakhtiniana, de que todo texto ou discurso é uma resposta a outros textos ou discursos que o precederam, Fiorin (2012, p. 148) considera que “o discurso e o texto são produtos da enunciação”, de modo que o texto enquanto materialidade é a inscrição de um discurso, que está sempre situado no meio social que envolve o indivíduo.

Além de Bakhtin, a discussão teórica apoia-se nos fundamentos de Adam (1992), Bronckart (2008/2012), Costa Val (2006), Guimarães (2010), Koch (2011/2012), Marcuschi (2006/2010), entre outros, que possibilitam aclarar os caminhos para a coleta e análise dos dados da pesquisa de campo. A coleta de dados foi realizada em uma Unidade Básica de Saúde, na cidade de Nazária (PI), a 26 km da capital, Teresina (PI). O *corpus* da análise proposta é constituído por uma entrevista com um paciente, no qual ele discorre sobre o gênero receita médica que carrega nas mãos ao sair do consultório.

¹ Ao longo da escrita desse texto, emprega-se o termo textualidade e discursividade, mas ressalva-se que há autores que empregam os termos textualização ou discursivização, respectivamente, para referir o mesmo fenômeno. Esse entendimento apoia-se nas considerações de Costa Val (2004, p. 114), baseada em Robert-Alain de Beaugrande e Wolfgang Dressler, que no livro *Introduction to Text Linguistics*, de 1981, definiu textualidade “como o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases ou palavras. Mais recentemente, num livro de 1997 (*New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom of access to knowledge and society*), o próprio Beaugrande rediscutiu essa definição, propondo não se perdesse a estreita relação entre a *textualidade* e o processo de “*textualização*” ..

1 POR UMA CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM: O TEXTO E O DISCURSO: ACONTECIMENTOS DA LINGUAGEM

Neste estudo, parte-se de uma concepção de linguagem de base funcionalista, considerando-a “como forma (“lugar”) de ação ou interação” (KOCH, 2012, p. 07), de modo que possibilita efetivamente ao sujeito construir-se nas e pelas práticas de linguagem com as quais se envolve, uma vez que a enunciação é um processo dialógico, de troca e de interação responsivo-ativa, entre os falantes, ou seja, a atitude do ‘eu’ é sempre em resposta ao ‘outro’.

Dessa concepção de linguagem, Cavalcante (2012, p. 20) aponta para a noção de texto, considerando-o como “um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos. É também um evento de interação entre locutor e interlocutor, os quais se encontram em um diálogo constante”.

Desse modo, tratar sobre texto e discurso é uma tarefa que, de imediato, assume-se não ser fácil, uma vez que em torno deles há várias questões, de ordem conceitual, principalmente, que foram modificando-se ao longo do tempo, e que, portanto, para delinear um olhar analítico, como se pretende nesse estudo, é preciso, antes, eleger aspectos específicos sobre a questão. Ao se fazer isso, não se está desconsiderando demais enfoques, apenas atendo-se àqueles caros aos objetivos do estudo ora apresentado.

Pode-se compreender, a partir de uma visão pragmática sobre o funcionamento das práticas discursivas, que texto e discurso constituem acontecimentos da linguagem, uma vez que o movimento de nomear coisas ou eventos no mundo se dá, primordialmente, através da forma como os sujeitos utilizam-se da linguagem. Esse processo de referenciação do mundo linguisticamente acontece por meio da utilização de recursos de linguagem, que inclui o léxico, o sintático e o semântico, como na ordem discursiva, em que o sujeito se constrói mediante as interações com o outro, de forma contextualizada e vinculada a situações concretas, vinculadas à sua realidade sócio-histórica, política e ideológica, como pretende Bakhtin (2011 [1979]). Desse modo, todo dizer é o resultado de um ininterrupto processo de ativação e de troca de palavras - signo ideológico - entre os interlocutores.

Nesse sentido, com o intuito de mapear os conceitos de texto e textualidade; discurso e discursividade, comparando-os, recorre-se a Guimarães (2013, p. 02) quando diz que:

Encara-se o texto como um processo organizacional e o discurso como um processo interacional. Na interconexão de texto e discurso, estuda-se uma variedade de formas consagradas para registro das interações sociais, onde o discurso logra cruzar e entrecruzar, num enclave sucessivo, os fios de uma teia habilmente tecida de recursos de natureza linguístico-discursiva.

Para compreender a questão da textualidade, recorre-se a Beaugrande & Dressler (1981) quando consideram o texto como “ocorrência comunicativa”, buscando compreendê-lo a partir de como eles “funcionam na interação humana” (p. 04), considerando a “linguagem como uma atividade humana crucial” (p. 12). Os autores apresentam os sete princípios constitutivos da textualidade: coesão, coerência – “que se relacionam com o material conceitual e linguístico do texto” (COSTA VAL, 2006, p. 05) –, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade – “que têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo” (p. 05).

Quanto à questão da discursividade, apoia-se nos pressupostos da construção filosófica da linguagem, de base marxista, proposta por Bakhtin (2009 [1929]), que pode ser referido como “fundador de discursividade”, quando considera que o signo linguístico é determinado pela situação social e concreta em que se insere, e assim, “a atividade humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não ação física) unicamente no contexto dialógico da própria época (como réplica, como posição semântica, como sistema de motivos)” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 312). E nessa potencialidade de acontecimento e realização do texto, Ará (2014, p. 22), em leitura bakhtiniana, considera que os sujeitos se constituem “como arquitetos da discursividade social”.

Desse modo, o conceito de discursividade associado ao signo ideológico constitui-se como o principal instrumento da interação entre os sujeitos da linguagem (BAKHTIN, 2009 [1929]), de forma que os aspectos discursivos referem-se às características da linguagem em uso, quando os sentidos são construídos na interação entre as pessoas, por isso falar em “enunciados da fala da vida e das ações cotidianas” posto que “a essência social do discurso verbal aparece aqui num relevo mais preciso e a conexão entre um enunciado e o meio social circundante presta-se mais facilmente à análise”. (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 06)

Os sujeitos, ao apropriarem-se da língua, marcam-se socialmente e imprimem aspectos de subjetividade e realização humana no modo como enunciam, nas realizações textuais-discursivas. Dessa forma, considera-se na análise que se propõe neste estudo, que o texto se constitui como “repositório de práticas discursivas” (GUIMARÃES, 2010, p. 07), e assim, texto e discurso situam-se no “plano da verificação analítica e interpretativa” (p. 07), uma vez que “apreende-se o nível profundo da estruturação do texto, que está na mensagem transmitida pelo discurso. Da apreensão dessa mensagem, é possível ver na estrutura interna do texto o discurso [...]” (p. 07). E, assim, partindo desse intercâmbio entre texto e discurso, e por imediato, dos recursos que constituem e representam a textualidade e discursividade, é possível destacar que eles são processos que se articulam na organização da atividade comunicativa no mundo, e de construção de sentidos.

Fiorin (2010) aponta que, para muitos estudiosos da linguagem², principalmente os da Linguística Textual, texto e discurso são sinônimos. Entretanto, segundo o autor, “a maioria dos linguistas distingue esses dois termos³” (p. 146), e quando essas distinções se fazem necessárias, elas partem de um caráter operatório, na caracterização e análise de certos problemas. Fiorin (2010, p. 162) acrescenta:

A distinção entre texto e discurso é necessária porque os procedimentos de discursivização são diferentes dos de textualização, porque eles são objetos que têm modos de existência semiótica diversa: um é do domínio da atualização, o outro, do da realização. Um é da ordem da imanência, o outro, da manifestação: o texto é a manifestação do discurso por meio de um plano da expressão, o que significa que um mesmo discurso pode ser manifestado por diversos textos. Por outro lado, certas relações que se estabelecem entre o texto e o discurso dão uma dimensão sensível ao conteúdo, porque ele não é apenas veiculado pelo plano da expressão, mas recriado nele.

² O autor menciona o trabalho de Guimarães (1992) e Val (1991), referenciando essas obras: GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. São Paulo: Ática, 1992 / VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

³ O autor propõe a partir de “termos bakhtinianos, uma distinção linguística e uma diferenciação translíngua entre discurso e texto” (FIORIN, 2010, p. 146). Ele fundamenta seu pensamento a partir da obra: BAKHTIN, Mikhail. **La Poétique de Dostoievski**. Paris: Seuil, 1970.

O reconhecimento dessa discussão permite compreender melhor as significações específicas do processo textual-discursivo, que de modo particular, se assenta, na análise da enunciação.

2 OS GÊNEROS DISCURSIVOS E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO NA LINGUAGEM

Nas diferentes esferas de atividade humana, conforme orienta Bakhtin (2011 [1979]), os gêneros discursivos, em “seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (p. 262), assumem a função de possibilitar interações entre os sujeitos da linguagem, que, conforme suas necessidades comunicativas, lançam mão de algum tipo de texto que os auxilie a lidar dialogicamente com o mundo. Esse entrelaçamento entre as necessidades comunicativas e os meios ou mecanismos que os sujeitos organizam para interagirem com o mundo reflete a diversidade e inesgotável capacidade que os gêneros discursivos têm de ser inventados, reinventados e circularem em diferentes contextos comunicativos.

Os gêneros constituem-se como válvulas de organização discursiva das ações humanas no mundo. Suas formas de produção e possibilidade de interação são inesgotáveis, o que coaduna com a concepção de linguagem como forma de interação, posto que eles não são instrumentos moldados para transmitir mensagem, mas formas maleáveis de ampliação das relações comunicativas entre os sujeitos da linguagem. Além dos aspectos formais, linguísticos e estruturais que os compõem, Marcuschi (2010, p. 22) os define a partir de seus “aspectos sócio-comunicativos e funcionais” que estão ligados a todas as atividades humanas, e por “eles proliferam para dar conta da variedade de atividades desenvolvidas no dia a dia” (p. 22); sendo, portanto, formas mutáveis e democráticas de construção de sentidos.

Sob esse enfoque, os gêneros são produtos de um processo de organização social, cognitiva e cultural da língua, que se amplia por meio da singularidade dos falares dos sujeitos, de modo que eles fazem parte de seu repertório de conhecimento linguístico. No processo de enunciação, os gêneros possibilitam a construção de realidades sócio-históricas, em que o falante se insere, de forma interativa, no próprio discurso e também no do outro, constituindo assim, o fenômeno da dialogicidade na linguagem.

Desse modo, os gêneros discursivos possibilitam a construção do sujeito na linguagem, uma vez que há uma imbricação entre as formas como ele surge ou se manifesta e as atividades cotidianas que o homem pratica socialmente. Nesse intercâmbio, as formas de construção e estruturação do gênero vão depender dos propósitos comunicativos e das negociações necessárias à construção de sentidos na interação. Nessa ampla dimensão em que eles se organizam, autores como Adam (1992), Bronckart (2008/2012), Dolz; Schneuwly (2004) os classificam, de acordo com seus usos e funcionalidade, conforme se discute a seguir.

2.1 Gêneros de tipologia injuntiva: a receita médica em (inter)ação

Todas as práticas de interação humana estão organizadas em torno de um gênero do discurso, conforme orienta a noção bakhtiniana. Diferentes autores que concebem sua filiação reconhecem a dimensão desse postulado fundador dos estudos dos gêneros. Bronckart (2012), por exemplo,

reconhece e amplia essa noção, apontando para uma Teoria dos Gêneros Textuais, que se propõe a estudar a estrutura interna dos textos a partir da compreensão dos gêneros definidos socialmente. Costa (2009, p. 19-20), referindo ao trabalho de Bronckart acentua que “a dimensão textual se subordina à dimensão discursiva produzida/construída na *interação verbal*, realidade fundamental da língua”. Desse modo, também prioriza a interação, tendo em vista que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (BRONCKART, 2012, p. 103).

Adam (1992), ao tratar dos gêneros, considera-os pela questão do domínio discursivo ou formação discursiva, referindo que eles são formados por “sequências textuais”, como protótipos que atuam como representações organizadas pelo sujeito no desenvolvimento de suas atividades. As sequências propostas constituem-se de: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção e diálogo*; utilizadas conforme os efeitos de sentido desejados.

Nesse agrupamento, Bronckart (2012, p. 237), concordando com Adam (1992), destaca que a sequência injuntiva “é sustentada por um objetivo **próprio** ou **autônomo**: o agente produtor visa a **fazer agir** o destinatário de um certo modo ou em uma determinada direção”, e assim, “o agir linguageiro se traduz em um texto” (BRONCKART, 2008, p. 87).

Dolz; Schneuwly (2004, p. 52) tratam das capacidades de linguagem dominantes dos sujeitos, e assim, os gêneros textuais em que predomina o caráter injuntivo podem ser incluídos na ordem de “descrever ações”, “instruções e prescrições” na “regulação mútua de comportamentos” conforme normas, a fim de alcançar um objetivo.

Com base nisso, o gênero receita médica pode ser definido como um instrumento de produção instantânea, que vai sendo construído ‘a duas mãos’, durante a consulta médica, na interação estabelecida entre o médico e o paciente, visto que este relata um problema de saúde. A partir disso, o profissional organiza do ponto de vista estrutural e linguístico, o conteúdo temático que escreverá na receita. Os comandos a serem seguidos a partir da construção desse gênero, partem, segundo Rosa (2007), da exposição de um plano de ação, instrucional, e por comandos que guiam os sentidos e os propósitos a que se destina.

Desse modo, tanto na construção realizada durante a consulta, como a posterior leitura e releitura que é feita do gênero, destaca-se o aspecto da (inter) ação social dos sujeitos (KOCH, 2012), uma vez que tanto o médico como o paciente atuam como praticantes de ações sociais na e pela relação linguageira, em atividades de linguagem (oral e escrita) que envolvem a troca e o diálogo entre eles, constituindo-se como sujeitos ativos e responsivos nas práticas de linguagem que se envolvem. Portanto, pode-se dizer que há na receita médica, uma gama de possibilidades de (re) leituras, conforme se verifica a seguir, na análise.

3 ASPECTOS TEXTUAIS-DISCURSIVOS NA FALA DO PACIENTE ACERCA DA CONSTITUIÇÃO E LEITURA DA RECEITA MÉDICA: UMA ANÁLISE

Nessa proposta de análise, aponta-se para mecanismos textuais-discursivos presentes na fala de um paciente, quando relata sobre o evento consulta médica, pontuando a sua interação com o

médico, a partir do gênero receita. Essa condução se organiza a partir da descrição de processos referenciais, nos quais se envolvem operações cognitivas, linguísticas, semânticas e pragmáticas. Para Marcuschi (2006, p. 11):

Essas operações têm a propriedade de determinar domínios referenciais conduzidos lexicalmente ou discursivamente para construir configurações mais gerais. Com isto ultrapassa-se a simples coesão pelo encadeamento de elementos linearizados, seja por processos anafóricos ou outros de ligações sequenciais locais, gerando formações mais globais e de longo alcance.

Com base nisso, observa-se os mecanismos textuais-discursivos que se alinham no dizer do paciente, como por exemplo: associação, predição, analogias, substituição, espacialização, repetição, sinônimas, referenciação etc., com o objetivo de identificar o modo como ele constrói o seu olhar na interação com o médico e ao mesmo tempo, descreve essa prática linguageira. Isso já postula uma concepção sociocognitiva, em que o cultural e o ideológico se constituem em todos os enunciados que circulam em todos os ambientes em que esses sujeitos estão inseridos.

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um roteiro de entrevista⁴, desdobrado em oito questionamentos⁵:

- 1) *Você se consulta regularmente nos postos de saúde?*
- 2) *Quando se consulta, é com o mesmo médico?*
- 3) *Durante as consultas você compreende o que o médico lhe orienta ou informa?*
- 3.1) *(Se não) Quais os motivos para essa falta de compreensão?*
- 3.1.1) *Quando você recebe a orientação por escrito na receita, há facilidade para lembrar como seguir a medicação?*
- 3.1.2) *Quando você não lembra ou não compreendeu as orientações a partir da fala do médico ou da receita prescrita, como busca resolver/solucionar suas dúvidas?*
- 4) *Você, a partir da receita que recebe na consulta, consegue identificar ou fazer alguma relação entre a fala do médico e o que tem escrito? Ou fica confuso o entendimento?*
- 5) *Ao partir do que você apontou como problema(s) na comunicação com o médico, o que sugere para melhorar essa relação comunicativa entre médico e paciente?*

⁴ Conforme a orientação metodológica – de base sociodialógica bakhtiniana - considera-se a entrevista como além de um instrumento de coleta de dados da pesquisa qualitativa, mas também como um gênero textual de sequencialidade dialógica, visto que realiza mediante segmentos discursivos de troca de turnos entre os enunciadorees engajados na conversação (o entrevistador e o entrevistado) (ADAM, 1992 / BRONCKART, 2012).

⁵ Esse roteiro foi construído para a coleta de dados da pesquisa de mestrado intitulada: “*Letramentos em contextos de consulta médica: um estudo sobre a compreensão na relação médico-paciente*”, que possibilitou a constituição de um corpus de 48 entrevistas (45 com pacientes e 3 com médicos) e 45 fotos de receitas. Essa única entrevista utilizada nessa análise faz parte desse material.

Apresenta-se, a seguir, as respostas desses questionamentos. Não serão analisadas todas elas, apenas os enunciados considerados exemplares para a discussão, em que seja possível, de forma mais evidente, marcar a presença do processo posto em análise:

(RESPOSTA AO QUESTIONAMENTO 3): *Eu falei dois motivos por que foi que eu vim aqui hoje: primeiramente é que eu queria que ele pedisse a requisição pra mim fazer os exame de prevenção de nós homem, né? Que ano passado eu passei por cima e não fiz. Segundo, é uma dor que eu tô sentindo aqui nessa ponta do cotovelo e inflama aqui essa parte do nervo, dói aqui esse outro osso, dói esse aqui também quando eu ando muito em moto, eu num posso fazer muita força e nem... muito me virar assim para esfregar, até pra mim vestir uma camisa tem hora que dói né? Aquela dor assim como que quem quer assim deslocar o braço, bem aqui na junta de cima, aí tudo bem, o foi o que eu falei pra ele.*

Agora esse médico aqui, agora eu vim eu mesmo, agora outro dia eu vim com um paciente aí para fazer uma ficha aí, pra um negócio de um laudo aí né? O que fica difícil pra mim entender é a letra dele... mas a linguagem dele pra mim... agora a letra dele é que eu tenho dificuldade pra mim compreender.

Neste enunciado, quando o paciente diz: ‘*dói aqui esse outro osso, dói esse aqui também...*’, ele utiliza-se da repetição, como estratégia de formulação do discurso oral, com o intuito de reforçar a ideia que pretende afirmar por meio desse segmento discursivo.

Ainda na fala acima, ao referir-se à letra do médico, o paciente estabelece uma diferença entre “letra” e “linguagem”, que se entende ser, uma oposição entre o oral e o escrito. O sujeito aponta para aspectos pontuais presentes na constituição da receita, ou seja, de quando ela foi construída na interação com o médico durante a consulta; e num momento posterior, durante uma entrevista, quando ele faz a leitura do gênero. Para demonstrar isso, ele lê a receita, buscando estabelecer uma comparação entre o ‘dito’ (oral) e o escrito pelo médico. Veja-se isso, na resposta abaixo, e na imagem da receita, a seguir:

(RESPOSTA AOS QUESTIONAMENTOS 3.1; 3.1.1): *Isso aí eu gravo logo na hora... por exemplo, aí ele me deu a receita aqui e eu não compreendi o nome do remédio, ele falou mais e aí eu disse ‘como é nome aqui, doutor?’... ele disse: ‘Xefa’... aí aqui em baixo eu fui, só pelo que eu já tenho costume de ver letra de médico vi aqui só na hora é de doze em doze hora... tá aqui... esse ‘Xefa’ é oito miligramas? Aí isso eu entendi, mas quando eu passo pra outras folhas aqui dele aí eu fico... tem uns médico que são até bonzinho pra gente ler, mais ele aí tem a letra muito “garranchuda” muito... Eu sou muito curioso quando o médico tá falando e ‘é isso e isso e isso, tem que fazer isso... tem que tomar remédio assim assim’, eu guardo logo na minha mente, guardo logo tudim, aí tem minha irmã que tem quatro ano que cuida da minha irmã que mora comigo... Aí quando eu vou com ela no médico ele tá lá falando falando falando tudim tudim... às veze três, quatro receita pra comprar remédio aí tudo aí eu já já tô entendendo tudim... Esse agora que eu tô levando ela pro psiquiatra lá em Teresina, ele escreve e todo mundo lê a letra dele, escreve tudo direitim todo mundo lê a letra dele.*

Nesse exemplo, o paciente continua explicando o processo de construção da receita e o modo como questiona a legibilidade da letra e da prescrição (aspecto de textualidade e sentido). Quando diz: “*Como é nome aqui, doutor?*”; ele discute aspectos, tanto de compreensão da letra, relativos ao seu grau de dificuldade e a localização no texto da receita; bem como da construção do gênero, e seus elementos constituintes graficamente, os quais demarcam o caráter de (não) explicitude da linguagem, em seus usos específicos.

Figura 1: Receita médica



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2015.

Nesse processo de leitura do nome “Xefa”, o paciente diz tê-lo compreendido “*só pelo que eu já tenho costume de ver letra de médico*”. Na verdade, ele utiliza-se de estratégias muito específicas de seu conhecimento de mundo (letramento) para a compreensão. Esse processo, no plano textual-discursivo, se deu por meio de inferências, associações ou aproximações. Destaca-se ainda, o fato de que o paciente reconhece que muitas informações presentes na receita não são compreensíveis, e por isso, ele memoriza a informação oral do médico, evidenciando assim, que a receita (escrita), às vezes, deixa de cumprir o seu papel.

É importante ressaltar ainda, para a questão do caráter injuntivo, que o gênero receita exerce na interação médico e paciente, que, por exemplo, quando o paciente relata que o médico repetiu a informação, por meio de comandos, como: “*é isso e isso e isso, tem que fazer isso... tem que tomar remédio assim, assim*”, o profissional da saúde está utilizando-se de estratégias de linguagem (repetição, paráfrase), para criar um plano de ação, de instrução para que os propósitos da consulta sejam alcançados; e nesse tratado, a receita exerce papel de ‘instrumento’ de interação e de estabilização de sentidos entre eles.

(RESPOSTA AO QUESTIONAMENTO 3.1.2): *Não, agora é uma coisa que eu não levo dúvida pra casa... Desde quando eu fui aluno de colégio, professor podia até achar eu antipático, exigente por que eu não gosto de ficar com dúvida em minha cabeça e eu pergunto logo na hora ali e se eu não puder eu vou atrás de quem sabe... se eu tô num serviço, por que minha área é essa aqui oh, tudo isso aqui é coisa que eu sei fazer, isso aqui tudim, eu marco, eu tenho curso de mestre de obra, mas eu não tenho dúvida nenhuma, eu não sei trabalhar com dúvida, se eu tô num serviço e o encarregado, o engenheiro me explica uma coisa... o que eu não entendi eu torno repetir a pergunta, aí quando eu entendo aí eu já sei o que que eu vou fazer, o mesmo caso é quando eu tô explicando uma coisa para pessoa, uma conversa, uma história, um acontecido, uma fato qualquer, entendeu? 'Entendi!' Quando eu vejo que a pessoa não entendeu, eu vou de outra maneira, com outra linguagem pra ver se ele entende melhor, eu não gosto nem de deixar, nem de levar dúvida pra casa... eu sempre gosto de procurar saber a realidade correta.*

No relato acima, é fácil notar as marcas textuais-discursivas, quando o paciente, demonstrando elevado nível de compreensão crítica do mundo, faz analogias e associações entre as obrigações inerentes à profissão do médico com a sua profissão: pedreiro. O paciente demonstra também, ter o domínio de estratégias (repetição, paráfrase) para tornar maleável e compreensível o seu dizer: “Quando eu vejo que a pessoa não entendeu, eu vou de outra maneira”, tornando-o mais claro.

Ao fazer essa associação, o paciente se coloca como autorreferência, um mecanismo estratégico, legitimador da propriedade discursiva que enuncia. Ele toma a si mesmo como exemplo, para proclamar um dizer, criando, assim, uma imagem de autoafirmação, em que ele coloca-se como produto e também suporte de um determinado discurso, que, no caso específico, serve para ilustrar uma situação de uso da linguagem nas interações.

(RESPOSTA AO QUESTIONAMENTO 4): *Pois é, no caso dele aqui, para mim a letra dele é uma dificuldade pra mim entender né? Alguns nome eu entendo, outros eu vou só pelo rumo, o começo do nome e lá no terminar e eu pego que nome é né? Mas já tem... olho às veze eu entendo o que é, quando agora a enfermeira é que me disse os nome ali no exame que é num sei o que, num sei o que, aí foi que ela me acabou de me completar bem ali né?*

Percebe-se ainda, marcas textuais-discursivas na fala do paciente, quando ele, mais uma vez ao falar sobre as dificuldades de leitura da receita (legibilidade), utiliza-se de estratégias de inferências, associações ou aproximações para compreender a letra do médico: “*Alguns nome eu entendo, outros eu vou só pelo rumo, o começo do nome e lá no terminar e eu pego que nome é né?*”. Desse modo, a questão da letra na receita, torna-se recorrente como das principais dificuldades de compreensão na interação com o médico.

(RESPOSTA AO QUESTIONAMENTO 5): *Como eu pego em programa de televisão, às veze que eu não sou muito de televisão, por causa do tempo, né, sou mais pra rádio né? A radio é 24 hora no ar, rádio comigo né?... Eu uso rádio no carro, eu uso rádio em casa... rádio no celular, agora o que eu vejo com relação, o que eu vejo pra isso aí, para os médicos... é ele sabe que tem uma lei, tem uma ordem pra ele prescrever, escrever de uma maneira que todo mundo compreenda a letra, se ele não pode escrever normal, ele fazer letra de forma que todo mundo lê... Aí muitos passam por cima disso aí e não tá obedecendo isso aí.*

Na resposta acima, o paciente utiliza-se da repetição para reforçar a intencionalidade e construir um sentido sobre o que pretende afirmar, como por exemplo, no trecho: “*A radio é 24 hora no ar, rádio comigo né?... Eu uso rádio no carro, eu uso rádio em casa... rádio no celular*”. Percebe-se também um grau de letramento do sujeito, que embora não tenha tanto domínio do código formal, escuta e compreende notícias veiculadas na mídia, e faz uso disso, de maneira crítica, em seu cotidiano. Para ilustrar esse entendimento, pode-se destacar a seguinte fala: “*tem uma lei, tem uma ordem pra ele prescrever, escrever de uma maneira que todo mundo compreenda a letra*”, em que por meio de referência a informações de seu contexto situacional, ele insere uma informação nova, com o objetivo de explicar ou justificar seu propósito comunicativo.

O quadro de enunciados expostos nesse estudo revela, portanto, marcas de como o sujeito se insere na linguagem, a partir do modo como se utiliza de estratégias textuais-discursivas, como inferências, associações, predição, analogias, paráfrase, repetição, sinonímias, entre outras, e assim, constrói sentidos nos seus enunciados.

A utilização dessas estratégias possibilita, portanto que o sujeito resolva as dificuldades imediatas de compreensão das letras do médico, bem como contribuir para o sucesso, em longo prazo, no tratamento de saúde, conforme as orientações prescritas na receita. Nesse processo, o paciente demonstra um domínio cognitivo sobre o gênero, respondendo satisfatoriamente aos desafios de compreensão da letra do médico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foram expostos alguns exemplos que ilustram a forma como um sujeito utiliza-se dos mecanismos próprios do funcionamento da linguagem oral para ‘dizer’ sobre o mundo, ou melhor, construir uma relação de sentido, referenciando-o, por meio de objetos de discurso específicos, que o singularizam no ato enunciativo.

Na análise apresentada, o paciente evidencia em sua fala, aspectos textuais-discursivos no modo como compreende o gênero receita médica, referindo-se tanto a aspectos textuais (grafia, principalmente), quanto a aspectos discursivos, relativos à função social e de direcionamentos de ações (caráter injuntivo do gênero), que garantem uma *inter-ação* pela linguagem. Nesse processo, destaca-se a função da receita, ao proporcionar interação, tanto em sua construção, quando o paciente e o médico dialogam; como também, na (re) leitura, na interpretação que o paciente faz ao sair do consultório.

Percebe-se ainda, no discurso do sujeito, evidências sobre seus conhecimentos de mundo (o letramento social), as experiências singulares advindas de seus heterogêneos contextos de vida, e que o instrumentalizam a criar ‘estratégias de sobrevivência’ no mundo da cultura letrada, ajudando-o a compreender e inferir um posicionamento sobre as coisas, de modo que ele constrói sentidos e significados sobre o mundo através da linguagem, em consciência de si e do outro na construção do discurso.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **Les textes: types et prototypes – récit, description, argumentation, explication et dialogue**. Paris: Nathan Université, 1992.

ARA, Pampa Olga. A questão do autor em Bakhtin. **Bakhtiniana**, Rev. Estud. Discurso [online]. 2014, vol. 9, número especial, pp. 4-25. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/bak/v9nspe/02.pdf> >. Acesso em: 17 out. 2015.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009. [1929].

_____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. [1979].

BEAUGRANDE, R. A. de; DRESSLER, W. U. **Introduction to Text Linguistics**. Londres: Longman, 1981.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2006.

BRONCKART, J. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2012.

_____. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSTA VAL, M. G. **Redação e textualidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J. L. Tápias; PEREIRA, R. F.; ZANCHETTA JR., J. **Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa**. v. 1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. p. 113-128.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência Suíça (francófona). In: _____; _____ et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 35-60.

FIORIN, J. L. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (orgs.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012. p. 145-165.

GUIMARÃES, E. (Org.). **Textualidade e discursividade na linguística e na literatura**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2010.

_____. R. G. Conversa com a professora Dra Elisa Guimarães. In: **Jornal Semanário da Zona Norte**. Publicada em 17/05/2013. Entrevista concedida a Regina Giora. Disponível em: < <http://www.semanariozn.com.br/exibenoticia.asp?idnews=4596> >. Acesso em: 30 set. 2015.

KOCH, I. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P. et al. **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38.

_____. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Cadernos de Estudos Linguísticos** 48(1): – jan./Jun. 2006.

ROSA, A. L. T. No comando, a sequência injuntiva! In: DIONÍSIO, Â. P.; BEZERRA, N. S. (orgs.). **Tecendo textos, construindo experiências**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 11-53.

VOLOSCHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. **Discurso na Vida e Discurso na Arte** (sobre a poética sociológica). 1926. Tradução Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo.

